

## 2 Dia do Produtor Rural

Caderno Especial do Jornal do Comércio | Porto Alegre, Segunda-feira, 28 de julho de 2025

### Reportagem especial

# Produtor rural gaúcho foca na resiliência para se manter no campo após desafios enfrentados no Estado

**No ano passado, a produção agropecuária apresentou crescimento de 35%, alavancada pela elevação da produção agrícola após a estiagem de 2023**

Ana Esteves, especial para o JC

O setor agropecuário gaúcho move o Estado: foi o responsável por alavancar o Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul, em 2024, mesmo depois da tragédia climática de maio. Impulsionada pela recuperação da agropecuária, a economia cresceu 4,9%, acima dos 3,4% registrados no Brasil. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano passado, a produção agropecuária apresentou crescimento de 35%, alavancada pela elevação da produção agrícola após a estiagem de 2023. E o trabalhador do campo tem papel fundamental nesses resultados.

Entre as principais culturas, os maiores acréscimos ocorreram nas produções de soja (43,8%), trigo (41,2%) e milho (13,9%). As exportações também bateram recorde no ano passado, alcançando em termos nominais, sem considerar a inflação, o terceiro melhor resultado da série histórica iniciada em 1997, com um total de US\$ 15,8 bilhões. O valor final das exportações contou com um reforço no último trimestre do ano, que apresentou o melhor resultado da série, com US\$ 4,7 bilhões em vendas, alta de 13,8% em comparação com o quarto trimestre de 2023. Considerando apenas os resultados do quarto trimestre, os seis principais segmentos da pauta de exportações do agronegócio gaúcho tiveram crescimento, puxados pelo complexo soja (total de US\$ 2,17 bilhões; +11,2%), fumo e seus produtos (total de US\$ 884,21 milhões; +25,2%), produtos florestais (total de US\$ 286,58 milhões; +33,5%) e carnes (total de US\$ 636,97 milhões; +10,1%).

Por trás de todos esses números que comprovam a grandeza do agronegócio gaúcho, estão homens e mulheres que trabalham de sol a sol, movidos pela força da resiliência, da capacidade de resistir a momentos difíceis, de se



PEDRO REVILLION/PALÁCIO PIRATINI/DIVULGAÇÃO/JC

*Caminho para enfrentar as adversidades é a implementação de políticas com recursos, renegociação de dívidas e de adaptação ao clima*

adaptar, aprender e crescer com as dificuldades. E não foram poucas: estiagens severas que se repetem ano após ano, enchentes, resultando em um cenário de endividamento crescente, diante de um contexto econômico de juros altos, preços baixos e custos de produção elevados. Para o presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul/RS), Gedeão Pereira, o Brasil se tornou uma potência agrícola graças aos gaúchos. “O produtor gaúcho é um leão e o Brasil é uma potência agrícola mundial graças a ele. Os números estão aí para dizer, o Brasil bateu mais um recorde, mais uma grande safra, 338 milhões de toneladas de grãos. É o povo gaúcho que migrou pelo nosso Brasil continental que faz o agro crescer. Isto é a epopeia de um povo”, afirma Gedeão.

Segundo ele, um dos principais entraves está relacionado à questão do endividamento dos produtores rurais que poderá acarretar na redução da área plantada na safra de verão no Estado. “Após quatro anos com alterações climáticas, é uma situação muito complexa, muito difícil e que realmente

está atrapalhando sobremaneira o nosso setor como um todo. Porque, realmente, se nós não conseguirmos avançar neste processo, se o produtor não puder empurrar as dívidas para frente, haverá uma diminuição de área no Rio Grande do Sul.” Essa sinalização se dá em função de os produtores estarem tentando negociar um alongamento das dívidas para que consigam arcar com os custos de implementação das lavouras. “Tem muito produtor na expectativa, que não está pagando o sistema financeiro tentando essa negociação. E nós sabemos que a dificuldade é muito grande”, afirma Gedeão.

Para o presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetag/RS), Carlos Joel da Silva, o caminho para enfrentar as adversidades climáticas e a bola de neve do endividamento é a implementação de políticas agrícolas fortalecidas com recursos, programas de renegociação de dívidas e de adaptação às mudanças climáticas. “Precisamos de Proagro e Seguro Rural, bem como políticas que incentivem a implementação de

práticas agrícolas que preparem os empreendimentos para secas e enchentes”, defende o dirigente.

Para Gedeão, o agronegócio do Rio Grande do Sul vive o que ele chama de “tempestade perfeita”: colhendo mal, com custos de produção muito altos e preços ruins. “O arroz foi um desastre. No ano passado não vendia arroz a R\$ 120,00, então vendeu a R\$ 65,00. A pecuária que vinha bem, agora com tarifaço do Trump, tem um grave problema. O cenário é dos piores, zero otimismo”, lamenta Gedeão.

A tarifa de 50% imposta pelo governo norte-americano sobre produtos brasileiros é uma “bomba de alto estrago”, pelo fato de o país ser o segundo maior importador de carne bovina do Brasil, perdendo apenas para a China. “É um mercado que sempre paga bons preços, muito confiável. O tarifaço é um componente a mais dentro desse desastre”, diz Gedeão. Sobre os efeitos da crise climática, o presidente da Farsul diz que o RS está no epicentro da crise, com repetidas secas ou excesso de chuvas. “Não tem gerenciamento

que aguarde. Por melhor que seja o produtor, ele se exauriu. E leva todo o setor com ele, a cerealista, a cooperativa, a revenda”, afirma.

O produtor de leite Fábio Luis Ahlert, da agropecuária Ahlert, do município de Condor, diz que a maior dificuldade é a falta de ajuda por parte do governo no sentido de conseguir financiamentos, aliado à baixa dos preços do leite no mercado. “No momento, enfrentamos a falta de Proagro para os financiamentos e do seguro agrícola, que é muito caro, sendo que o governo está dificultando cada vez mais para o pequeno produtor rural”, diz Ahlert. Segundo ele, a ajuda das cooperativas, que fazem uma troca de grãos para implantação das lavouras, é o que salvou um pouco a situação. “Temos ainda uma incerteza grande sobre os valores dos nossos produtos, ainda mais com essa briga política, além de juros absurdos”, afirma o produtor.

Ele conta que a principal atividade é o leite, mas que também cultiva milho para silagem no verão e cevada e trigo no inverno, que servem para alimentar o rebanho de vacas leiteiras.